

Ulysses já tem apoio de 8 governadores

BRASÍLIA — Oito dos 11 governadores do PMDB — o partido tem 22 — com os quais o deputado Ulysses Guimarães conversou nos últimos dias a respeito do aceleramento dos trabalhos da Constituinte apoiarão sua candidatura à Presidência da República, se houver eleição este ano. Ulysses nega que tenha conversado sobre o assunto com eles.

— Mas dizem que a senha dos governadores é falar que apóiam sua decisão de apressar a Constituinte. Com isso, vão consolidando sua candidatura. É verdade?

Ulysses responde com um sorriso, enquanto se dirige para mais um encontro, talvez o mais difícil, com o governador do Ceará, Tasso Jereissati, que o acusou de ter vetado sua indicação para o Ministério da Fazenda, no lugar de Dilson Funaro.

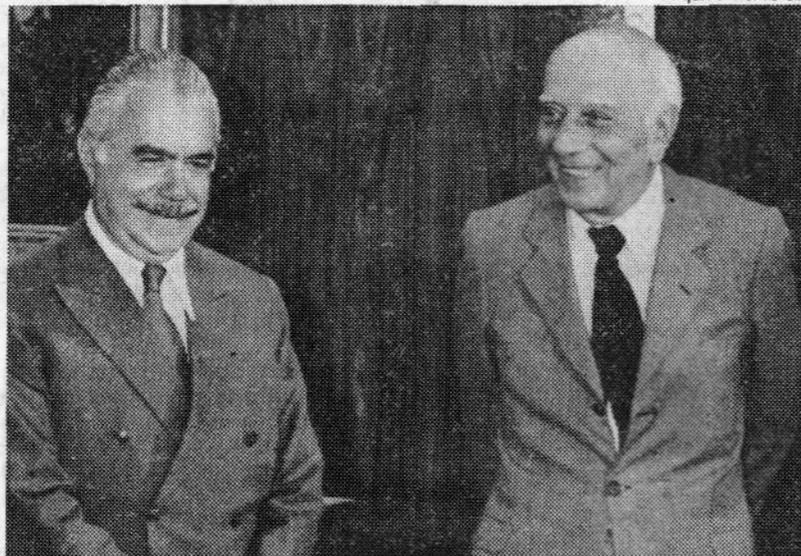
Durante a semana, conversou sobre a Constituinte com Álvaro Dias (PR), Orestes Quércia (SP), Moreira Franco (RJ), Fernando Collor (AL), Alberto Silva (PI), Henrique Santillo (GO) e Geraldo Melo (RN). Não se incluem na contabilidade os dois mais íntimos — Pedro Simon (RS) e Waldir Pires (BA) —, com os quais chega a conversar duas vezes ao dia por telefone.

— Mas nenhum deles falou sobre sua candidatura?

— Não. Eles sabem que eu só penso na Constituinte e eles também.

— Mas Moreira Franco saiu do encontro com o senhor dizendo que seu nome representa a unidade do PMDB e que o partido só ganha se tiver a unidade. Isso não representa apoio?

— Não. Representa generosidade de um amigo, o que para mim significa muito ser prestigiado por uma liderança expressiva como a do governador Moreira Franco. Mas ninguém está falando isso — afirma, descendo rapidamente do carro, diante da garagem do apartamento do senador Mauro Benevides (CE), onde o espera Tasso Jereissati. Tasso foi receptivo e Ulysses, finalmente, sentiu-se à von-



Arquivo 26/10/87

Ulysses tem 8 governadores mas Sarney é incógnita

tade. Depois do encontro, Tasso foi chamado ao palácio pelo presidente José Sarney. No dia seguinte, o presidente da Constituinte disse a um amigo: "Estou curioso para saber o que Sarney disse ao Tasso." Soube, mas não comentou com ninguém. Sua fisionomia satisfeita revelava que o presidente não interferiria em suas articulações com o governador do Ceará.

Difíceis — O governador Álvaro Dias estava em Brasília no dia do encontro com Tasso Jereissati, mas não procurou o presidente de seu partido. "Eu já conversei com ele", afirmou Ulysses, antecipando-se a especulações de que não teria o apoio do governador do Paraná. Em conversas reservadas, ele reconhece que Dias é uma conquista difícil, mas não tanto quanto a do governador de Pernambuco, Miguel Arraes. "O doutor Arraes é um sertanejo e, como tal, desconfiado, e só vai embarcar na candidatura de Ulysses no final", avisa o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE).

Ulysses fica irritado quando lhe per-

guntam sobre seu companheiro de chapa. "Como, vice, se eu nem o PMDB ainda não temos candidato? Vice de quem?". Mas os amigos arriscam um palpite: circulam pela cabeça de Ulysses os nomes de Waldir Pires, Tasso Jereissati e Jarbas Vasconcellos, todos do Nordeste. "Sarney conseguiu com muita competência chamar a atenção do país para o Nordeste e o vice terá que ser dessa região", prevê um ministro de Estado.

Os amigos de Ulysses fizeram um levantamento da posição dos governadores e só encontraram três obstáculos: Miguel Arraes, Álvaro Dias e Epitácio Cafeteira, do Maranhão, que, aferrado na posição em defesa dos cinco anos para Sarney, não admite falar em candidatura. O governador de Minas, Newton Cardoso, encabeça a lista dos indefinidos. Mas o deputado José Geraldo (PMDB-MG), que articula o encontro dele com Ulysses, afirma: "O Newton acha que Ulysses vai conversar com ele sobre a vice. Ora, se o assunto for esse, é sinal de que ele já está examinando a candidatura".

Sarney ainda não definiu posição

O presidente José Sarney enfrenta um problema pessoal: o que fazer com a candidatura de quem lhe assegurou a posse no cargo? "Você acha que eu sou contra a candidatura do Ulysses? Eu tenho não só um sentimento de gratidão, como de profundo respeito por ele", disse a um ministro ligado ao presidente da Constituinte, dois dias depois de ter bombardeado a pretensão do deputado Ulysses Guimarães de sucedê-lo, afirmando que ele perde para o candidato do PDT, Leonel Brizola.

— Você não tem nem como deixar de ser leal a Ulysses. Quando você era presidente da Arena e ele do MDB, quantas vezes você o procurou para conversar e ele nunca contou nada a ninguém?

Essa ponderação Sarney ouviu há mais de um ano de D. Marly. Como muita coisa mudou desde então, pode ser que a mulher do presidente, que teve um diálogo áspero com Ulysses no dia 15 de novembro do ano passado, quando a Comissão de Sistematização da Constituinte aprovou o mandato de quatro anos para Sarney, tenha mudado de idéia. Mas ela continua enaltecendo a discrição do presidente do PMDB.

Sarney e Ulysses, apesar de tudo, continuam conversando, só que recentemente essas conversas têm vazado. Da última vez, por sinal, Ulysses ficou muito intrigado: dois dias depois de reunir-se com o presidente no Palácio da Alvorada, foi avisado por um amigo que o jornalista Jânio de Freitas, em sua coluna da *Folha de S.Paulo* fazia um relato parcial do encontro.

"Não acredito. Só estavam eu e o Sarney. Eu não contei nem para a minha mulher", reagiu, ainda incrédulo. "Não é possível", comentou depois de ler o jornal. Ficou mudo, mas essa reação confirmava a notícia: Sarney lhe pedira que poupasse o genro Jorge Murad de depor na CPI da Corrupção.

Ausências atrasam Carta

Deputado aparece no plenário e ganha aplauso dos colegas

BRASÍLIA — Preocupado em acelerar os trabalhos da Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães não precisa ir muito longe para resolver uma das principais causas do atraso das votações: a falta de quórum. Afinal, sete dos dez maiores gazeteiros da Constituinte pertencem ao seu PMDB — inclusive o campeão de ausência, Mário Burchadet, deputado mineiro que participou de apenas uma das 125 votações registradas até fevereiro passado.

Numa disputa renhida pelo segundo lugar no ranking dos ausentes, estão os deputados Felipe Cheide (PMDB-SP) e Messias Soares, eleito pelo PMDB fluminense mas hoje no PTR — minúsculo partido cuja existência está limitada às fronteiras do Rio de Janeiro. Ambos votaram apenas oito vezes.

Ele existe — Burchadet, Cheide e Soares já fazem parte do folclore da Constituinte. Na semana passada, Cheide, que cumpre o segundo mandato e tem base eleitoral no ABC paulista, subiu à tribuna para defender uma emenda. Ao ser anunciado seu nome, o plenário, depois de refeito da surpresa, saudou o desconhecido com uma prolongada salva de palmas. Alguns deputados gritavam, em tom de galhofa: "Ele existe, ele existe". O relator Bernardo Cabral, no parecer sobre a emenda do parlamentar paulista, deu-lhe uma estocada: "Quem sabe depois de receber tantas palmas, o constituinte se sintia estimulado a comparecer mais às sessões".

Além de Burchadet, Cheide e Soares, integram a lista dos dez mais ausentes da Constituinte Davi Alves

da Silva (PDS-MA), com 17,6% de participação nas votações; Raul Belém (PMDB-MG), com 18,4%; Milton Lima (PMDB-MG), com 28,8%; Olavo Pires (PMDB-RO), com 32%; Bosco França (PMDB-SE), com 35,2%; Matos Leão (PMDB-PR), com 39,2%; e Roberto Campos (PDS-MT), com 40%.

Eleitos e pagos para discutir e votar a futura Constituição, os constituintes não estão proibidos de ter outros interesses. Cheide acumula a função de cartola de um time do ABC paulista e Messias Soares foi notícia no ano passado ao ser preso num cassino em Foz do Iguaçu. Nada disso impede que cumpram o compromisso assumido quando foram à rua pedir votos aos eleitores.

Corte do subsídio — Irritado com os gazeteiros, o deputado Paulo Delgado (PT-MG) encaminhou projeto de resolução à Mesa da Constituinte, propondo o corte do subsídio e da ajuda de custo do constituinte que faltar a três sessões, sem justa causa, num mesmo mês. Além disso, Delgado quer que todo parlamentar que faltar a cinco sessões, sem motivo relevante, perca o mandato. "Quando um trabalhador falta ao emprego têm os dias descontados e corre o risco de ser demitido. Não é correto que o parlamentar, eleito pelos trabalhadores para representá-los, tenha privilégios e não seja punido".

Dificilmente a Constituinte aprovará a proposta de Delgado, mas sua argumentação é irrefutável. Mário Burchadet, por exemplo, não seria um bem sucedido empresário da Zona da Mata mineira, se pagasse os salários e não demitisse os empregados de suas usinas de açúcar e álcool que lhe dessem um dia ao trabalho e faltassem os 124 seguintes, como ele faz na Constituinte. Se administrasse assim os negócios, já teria ido à falência.